

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2008

## **TEBAS SITIADA E TEBAS DOENTE: DOIS MONARCAS, DUAS EMERGÊNCIAS, UM IMPOSSÍVEL JOGO DE INTERTEXTO**

É dado adquirido, desde a Antiguidade, que a peça de Ésquilo *Sete contra Tebas*, pertencente a uma trilogia perdida que se ocupava do desenvolvimento trágico da culpa hereditária da casa de Laio, representada e premiada em 467 a.C., obteve, sobre as duas peças que a precediam na dita trilogia e se perderam (*Laio* e *Édipo*), um êxito retumbante. Atesta-o a influência esquiliana em Eurípides, *Fenícias*, atesta-o o facto de o autor desconhecido da selecta de Ésquilo, organizada para fins escolares na época do imperador Adriano, ter escolhido, entre as sete melhores peças do dramaturgo, precisamente *Sete contra Tebas*, desvinculada da trilogia — esta a razão de ser do elenco esquiliano que chegou até nós.

Na peça, Tebas, sitiada pelo exército de sete esquadrões mobilizado pelo descontentamento e alianças que Polínicos obteve em Argos, ao casar com a filha de Adrasto, encontra-se num momento de aguda crise de sobrevivência. Os antigos oráculos a Laio, evocados pelo Coro de Mulheres de Tebas, no estásimo II, pairam sobre o destino da cidade e povoam a mente dos cidadãos (vv. 743-752):

Falo da antiga transgressão de célere castigo: aquela que permanece até à terceira geração, desde que Laio, no santuário em Pito, centro do mundo, a forçada resposta de Apolo por três vezes recebeu, de morrer sem descendência para salvar a cidade.

Mas, vencido por doce irreflexão, gerou a própria morte, Édipo, o parricida ...

Ésquilo concebeu um Coro constituído por mulheres, tomadas pelo pavor antecipado do que pode ser o seu destino, caso a cidade não sobreviva, para sublinhar a tensão extrema, o pânico, numa situação deste tipo, e também para desse clima destacar a figura enérgica, decidida e abnegada do senhor de Tebas, o outro dos filhos de Édipo: Etéocles.

É com a sua presença em cena, saído do palácio, que a peça abre. O vigor e clareza das suas palavras, a determinação inabalável do seu carácter e propósitos, desde início, postos ao serviço da cidade, fizeram com que ele fosse visto como o primeiro exemplo de criação de um perfil individual de protagonista no palco europeu<sup>1</sup>. São estas as suas palavras iniciais (1-29):

### ETÉOCLES

Cidadãos de Cadmo<sup>2</sup>, dizer o que a hora exige é o dever de quem tem à sua guarda os assuntos de Estado, governando o leme, à proa da cidade, sem dar às suas pálpebras o repouso do sono. Pois se a vitória nos sorrir, o mérito é dos deuses; se, pelo contrário, sobrevier uma desgraça — e oxalá isso não aconteça — então, por toda a cidade, ecoará o nome de Etéocles, dele só, envolto em hinos de raiva e em lamentações. De tal situação livre Zeus Preservador a cidade de Cadmo, se quiser ser fiel ao seu nome!

Mas vosso é também o dever, nesta hora, tanto o daquele que não atingiu, ainda, o vigor da plena juventude, como o do que o sente já passar, com a idade, e tenta juntar as suas forças para recobrar a antiga forma — cada qual entregue ao seu papel, conforme pode — vosso é também o dever de prestar auxílio à cidade e aos altares dos deuses desta terra, para que o seu culto jamais seja abolido, e aos vossos filhos, e à Terra mãe, a mais querida das amas. Foi ela quem, quando vós éreis crianças de tenra idade, a gatinhar pelo seu bondoso solo, tomou sobre si a tarefa de a todos garantir sustento e de vós fez cidadãos portadores de escudo, que se mostrem fiéis na urgência do momento.

Sem dúvida que até hoje, ao dia em que estamos, a divindade se inclina a nosso favor. Há longo tempo, já, que a cidade está cercada, mas a guerra, por vontade dos deuses, tem-nos sido quase sempre favorável. Mas agora, conforme o adivinho, pastor das aves, nos informa, ele que, sem o auxílio do fogo, com o seu ouvido e o seu espírito observa o voo dos pássaros sagrados, com uma arte que não mente, esse mestre dos augúrios declara que a grande arremetida dos Aqueus foi deliberada em conselho esta noite, juntamente com o assalto à cidade.

---

<sup>1</sup> A observação é de H. D. F. Kitto, *A tragédia grega* (trad. do ingl.) vol. I, Coimbra, 1972, p. 106.

<sup>2</sup> Nome do fundador da cidade de Tebas. Esta é, frequentemente, na literatura, designada pelo nome de quem a fundou.

---

Cerca de quarenta anos mais tarde, não se sabe, ao certo, em que ano, compõe Sófocles (que já iniciara a sua actividade dramaturgica ao tempo de *Sete contra Tebas*) uma peça de reescrita do mito, cuja acção se centra à volta da descoberta da própria identidade, por parte de Édipo: trata-se, naturalmente, de *Rei Édipo*. O dramaturgo concebeu, como cenário dramático para a acção, uma Tebas em estado crítico — desta vez não por via da guerra mas de uma epidemia que afecta homens, animais e plantas. A causa é desconhecida, logo, a cura escapa aos homens, e servirá de motor de acção que há-de levar à revelação da identidade do protagonista.

Salvaguardada a diferença de enredo e de figuras nele envolvidas, alguns traços ganham realce, no início da segunda das peças, que podem levar à pergunta: terá a abertura de *Sete contra Tebas* e a força da intervenção inicial do filho de Édipo servido de inspiração para conceber a abertura de *Rei Édipo*, ainda que com modificações e diferenças substanciais, de acordo com um outro perfil de monarca e um outro enquadramento dramaturgico? Penso que sim e que podemos, por comparação, ainda que com o natural risco nestas matérias, acompanhar um eventual processo de imitação criadora.

Também Édipo surge à porta do palácio, de madrugada, levado pela urgência da crise aguda da doença. Vem, no entanto, acorrendo ao chamamento de um grupo de suplicantes, não como o general que chega para dar ordens. Eis como se exprime, respondendo-lhe o Sacerdote de Zeus (1-19):

#### ÉDIPO

Meus filhos, nova geração do antigo Cadmo nascida, que quereis, sentados neste lugar, com ramos de suplicantes adornados? A cidade está, a um tempo, repleta de incenso, de peanes e de gemidos. O que entendi não bastar conhecer pela boca de mensageiros, vim sabê-lo em pessoa, filhos, eu, de nome Édipo, para todos glorioso.

Mas vamos ancião, fala, pois a ti compete falar por eles: em que disposição vieste, por que medos ou anseios? Pois é meu desejo em tudo vos ajudar. Insensível eu seria, se me não apiedasse perante esta vossa atitude

#### SACERDOTE

Tu, ó Édipo, senhor do meu país, tu vês a idade dos que se sentam junto dos teus altares: estes, que ainda não têm força para levantar longos

voos, estes outros, a quem os anos já pesam; eu, que sirvo Zeus, e eles, escolhidos entre os jovens.

Ambos os discursos iniciais começam pela interpelação aos habitantes de Tebas (Cadmó). Etéocles, assumidamente filho da cidade, dirige-se ao povo com um enérgico distanciamento que a situação de guerra requer; Édipo dirige-se-lhes enquanto descendentes de Cadmo — e Sófocles demarca-se, com ironia, do discurso de Etéocles, fazendo Édipo falar como se não fosse cidadão de Tebas, sendo-o, na verdade — mas apodando-os de ‘meus filhos’, numa relação de proximidade afectiva e de cuidado, justificada pela situação mas, também, expressiva quanto ao retrato do monarca.

O distanciamento propositado dos retratos utiliza um recurso, tratado de modo diverso: Etéocles refere o seu próprio nome, antevendo que só será evocado em caso de derrota, com dor e raiva. Não concebe a situação possível de relação de afecto político entre rei e concidadãos. A sua acção é determinada por um vivo sentimento de dever, pelo amor à terra, que transparece nas suas palavras e no modo como a personifica (‘a mais querida das amas’), pelo impulso, fruto do peso da culpa e da maldição de gerações, que o há-de impelir até à morte, em parte cumprindo a fatalidade, que reconhece, em parte cumprindo o destino de libertar a cidade, anulando-se. Édipo, pelo contrário, alude ao seu nome, envolto em glória, de soberano bem-amado, salvador da pátria. A relação de afecto político é, pois, possível e durará, na voz do Coro, mesmo quando as dúvidas começam a levantar-se.

A utilização, por Sófocles, de uma situação inaugural dramática esquiliana, que modifica, é visível na concepção dos interlocutores do monarca sofocliano. O discurso de Etéocles deixa perceber que o ouvem aqueles que, logicamente, estão ausentes dos postos de defesa: os demasiado jovens e os cidadãos no limiar da velhice. Sófocles concebe um grupo de suplicantes, cuja constituição tem dado azo a discussão, mas em que, seguramente, estão incluídos juvenzinhos e anciãos. Assim se deduz das palavras do Sacerdote — e por que motivo estão ausentes cidadãos sobreviventes, em plena pujança de forças? Penso que Sófocles aproveitou o ‘público’ dramático de Etéocles para o converter em interlocutor de Édipo, dada a fragilidade da sua constituição e a facilidade que isso lhe proporcionava para dar expressão à compaixão de Édipo. Ela tem como objecto, essencialmente, os cidadãos. Édipo não menciona a Terra, também doente. Será o Sacerdote, filho daquela terra como parte integrante da pólis

---

---

organizada, que recorre ao processo de personificação dessa pólis (que inclui a terra) como um corpo doente, em agonia de morte (vv. 22 ss).

Finalmente, e tal não está patente nos textos transcritos, dada a sua pequena extensão, o motivo da adivinhação, ligada à situação de crise, está presente já no prólogo de ambas as peças: enquanto se pode deduzir que o adivinho (Tirésias), em *Sete contra Tebas* exerce a sua actividade de espontânea vontade e informa o rei dos resultados das suas observações, tanto a ida a Delfos de Creonte, em *Rei Édipo*, para obter uma solução, por parte de Apolo, como a vinda de Tirésias à cena (aliás, contrafeito), são fruto da iniciativa do monarca.

Ésquilo escolheu um Coro feminino que contrasta com a energia bélica de Etéocles e que representa a população em pânico; Sófocles, em contrapartida, criou um Coro masculino de cidadãos que conhece o passado da cidade, mas que também assistiu à vitória de Édipo sobre a Esfinge e ao seu bom governo sobre Tebas. A adesão ao monarca envolvê-lo-á na cegueira que também lhe não deixará ver a verdade, já no limiar da evidência.

Em conclusão, uma entrada em cena com sucesso, que marca a caracterização do protagonista, desde o prólogo, pode ser tomada, por outro dramaturgo, como ponto de partida para aproveitamento de motivos e de efeitos, para reelaboração, em função de outros efeitos contrastivos a alcançar e de um outro perfil do protagonista, não de todo diferente, no contexto de uma outra acção dramática — ainda que a cidade e o parentesco os una. Talvez por isso Etéocles tivesse representado um bom ponto de partida para Édipo.

M. C. FIALHO